

ARQUIVO VIVO: Carmem

Bancária sabe tudo sobre o Banpará

Continuação da 1ª página

TINA VIEIRA

Enviada especial

Se a PF quiser saber sobre as contas do caso Banpará, que vão de 1983 a 1987, Carmem Blanco pode ajudar. Funcionária de carreira do banco, com 24 anos e sete meses de casa, ela viu papéis, transações, cheques. "Tudo está fresco na memória", afirmou.

Foi do prédio do Banpará em que Carmem trabalhava, na avenida Presidente Vargas, em Belém, que saíram os 11 cheques administrativos rastreados pelo Banco Central que foram aplicados em fundos de renda fixa na agência Jardim Botânico do banco Itaú no Rio de Janeiro. O que ela sabe desta história é um segredo. Uma lembrança que está cada vez mais viva na memória da ex-bancária, desde que o caso Banpará voltou às manchetes dos jornais, que serviu para tirar a sua paz..

Em certos dias, ela amanece chorando. Um misto de angústia e medo que nem ela sabe explicar. "Às vezes eu queria falar tudo o que eu sei", diz Carmem, para logo em seguida, explicar o motivo para tanto silêncio: "Meu marido me mandou ficar calada. Ele manda, eu obedeço. Sou mulher antiga."

Ela não admite fraudes, nem fala em falcatruas. Mas deixa claro: "Eu não assinei nada. Só vi. Eu vi tudo", garante a ex-bancária. Carmem prefere não revelar detalhes dos documentos que se orgulha de não ter assinado. "Você acha que não assinei por medo? Não. Acha que foi por fraqueza? Também não. Só não assinei porque eu era coisa muito pequena lá dentro", revela.

Dona de nebulosas lem-

branças, Carmem hoje vive numa pequena casa no bairro de Águas Brancas, em Ananindeua, município colado a Belém. A rua onde mora não tem asfalto e o esgoto corre a céu aberto. Carmem vive ali, próxima da linha de pobreza. A vida da ex-bancária nem sempre foi assim. Carmem diz que, nos tempos em que tinha o poder de gerente da agência mais importante do Banpará, morava num prédio chique no centro de Belém. Na época, seu nome sempre esteve na lista de grandes eventos do Hilton e festas do Iate Clube. "Isso é coisa do passado", lamenta. "Agora eu estou aqui recolhida à minha insignificância e quero ficar assim", completa. Carmem não passa hoje de uma dona de casa. Sua maior diversão é beber cerveja com os amigos num botequim perto de casa. Amigos com quem ela reparte a angústia dos últimos dias. Em frases enigmáticas comenta o relatório do auditor Abrahão Patrúni Júnior, do Banco Central, com desdém. "O Banco Central não sabe de nada", constata.

Fez concurso para o banco da Amazônia, apostando no vasto conhecimento que adquiriu como funcionária do Banpará, sempre na área financeira e de contabilidade. "Fiz diversos cursos, viajei muito. Mas hoje no banco eles não querem gente velha. Eu sou velha para eles", diz, ao justificar o fracasso.

Carmem fez um pacto de silêncio. Pretende não reviver aqueles tempos, lembrar de cheques e seus números. Tem medo do que pode acontecer com ela e sua família. Pelo que diz saber é uma testemunha-chave, que, ao final, pode esclarecer tudo que aconteceu na agência central do Banpará. Basta ser convocada para depor.